



CULTURA PROFISSIONAL

A ESTRUTURA DE UM EXÉRCITO MODERNO

Traduzido da "Revue Militaire d'Information"
n. 179-Julho-1951 pelo Ten.-Cel. M. R. C. LISBOA

Após a 2^a Guerra Mundial, surgiu a necessidade de se rever a organização do exército de terra, impondo-lhe reformas fundamentais consentâneas. Numerosos estudos foram feitos, mas, nenhuma realização objetivada.

Entretanto, a organização atual é caracterizada por uma estrutura pesada, que não cessa de aumentar, e por um preço de custo que é o principal obstáculo à realização de uma defesa eficaz. É isso um perigo mortal para a defesa do ocidente.

Para remediar esse perigo, o único caminho possível é o de procurar novas e rápidas soluções, levando-se em conta as experiências passadas, mas libertando-se das cadeias que apresentam.

O problema é complexo, pois trata-se de conciliar a potência indispensável com a mobilidade e a rapidez, atualmente mais necessária que nunca para assegurar a maior capacidade de manobra, tudo com o objetivo ainda de manter o preço de custo nos limites razoáveis.

No momento em que numerosas nações tratam de reconstituir os seus exércitos e estão ainda à procura de uma fórmula satisfatória, não é demais examinar, em detalhe, os principais aspectos do problema :

— de um lado, salientando as idéias essenciais que poderiam presidir um estudo mais aprofundado;

— de outro, esboçando algumas das consequências maiores que decorrem dessas idéias.

1^a PARTE

IDÉIAS GERAIS

I — A noção dos efetivos — Quando os exércitos se defrontavam em formações maciças, com os homens avolumados em largura e em profundidade, os efetivos, que condicionavam a densidade dessas formações, eram um elemento essencial, senão determinante, da potência desses exércitos.

Porém, atualmente, quando o dispositivo, evoluindo progressi-

vamente, deu nascimento à linha de atiradores e chegou, pouco a pouco, ao vazio do campo de batalha, a noção dos efetivos sofreu uma transformação considerável;

É surpreendente constatar como esta transformação não tenha sido, ainda, apreciada no seu justo valor. No entanto, esse fato teria dado matéria a uma ampla reflexão. Tal o exemplo do exército alemão, que se viu obrigado, em (1940), a bater, com algumas centenas de milhares de homens, um exército de vários milhares, dotado de um material, sob todos os aspectos, comparável ao seu.

Qualquer que seja, a noção dos efetivos não é mais o único elemento da potência; ela deve ser examinada, agora, sob um ângulo inteiramente novo, e, notadamente, sob o duplo aspecto de *rendimento e eficiência*.

a) *A noção de rendimento* — Numa divisão tipo americana de 18.075 homens, há sómente 1.195 "infantes combatentes", ou seja, 6%.

Se lhe ajuntarmos os elementos que, como a artilharia e os carros, trabalham para o seu proveito imediato, chega-se, sem dúvida a 12%, ou, no máximo, 15%. O restante não é senão "despesas gerais".

É possível haver uma organização que suporte semelhante carga em condições de sobreviver?

Isso é suficiente para explicar certos aspectos das primeiras missões da guerra da Coréia. O exército das Nações Unidas dispunha de uma forte superioridade material; não obstante, preso aos dois eixos únicos de estradas que constituiam o seu sistema vital, foi constrangido a recuos espetaculares pela ação de inimigos pouco numerosos e pouco armados, porém que sabiam utilizar as zonas difíceis, nas quais seu adversário não estava em condições de assegurar o controle. Em compensação, cada vez que os exércitos sino-coreanos tentaram ataques maciços, fracassaram, não obstante a sua superioridade numérica, às vezes esmagadora.

Tomemos, agora, o exemplo da célula elementar, o Grupo de Combate. Seu objetivo essencial é o de servir a uma arma automática, dobrada como se deseja, de uma arma antitank leve. Um chefe e 4 ou 5 homens são suficientes.

O efetivo suplementar, que lhe é atualmente adicionado, responde a três idéias falsas:

— A 1^o, é a de que é necessário manobrar em torno dessa arma, seja para cobri-la, seja para aproveitar o seu fogo. Ora, essas duas ações não podem ser realizadas com a eficiência desejável, sendo pela arma automática vizinha.

— A 2^o, é a de que é necessário ter, em torno da arma, munidores em número suficiente. Ora, é exato que numa tropa bem instruída, a soma "fogo e movimento" constitui, quase sempre, uma constante. Se se desloca, atira-se pouco. Se se acha estabilizado (quando se atira muito mais), a técnica moderna (viaturas com lagartas) permite alimentar os combatentes sem grande dificuldade.

— A 3^o, finalmente, é a idéia de que o grupo deve poder durar. Ora, como o aumento de homens implica, automaticamente, num aumento de perdas, esse objetivo não pode ser atingido.

As consequências imediatas desse estado de cousas são graves.

Em primeiro lugar, os homens são mal utilizados. Aquêles que não são combatentes propriamente ditos, ficam reduzidos ao papel de "valets d'armes", agindo passivamente. Seu rendimento seria de todo diferente, se também executasse os primeiros papéis.

Entretanto, esses "valets d'armes", representam bocas para alimentar e consumir munições, muitas vezes sem nenhum rendimento. As necessidades do conjunto se acham consideravelmente acrescidas, sem nenhum proveito compensador.

Esse volume de necessidades repercutem nas retaguardas, aumentando-as numa extensão muito mais geométrica que aritmética. Chega-se a este paradoxo: que a

retaguarda, destinada a manter a frente, sente-se, cada vez mais, na necessidade de manter-se e apela para a frente em seu auxílio.

Não é demais recordar os freqüentes exemplos de unidades da frente, quando em repouso, serem chamadas a efetuar serviços em proveito de trabalhos de toda natureza. É isso uma completa inversão de valores. Enfim, o que é mais grave ainda, o excesso de efetivos acarreta o excesso de perdas. Seja na linha de frente, como na retaguarda, elas são tanto maiores quanto maior for a densidade das tropas. O poder destruidor do armamento moderno, muito particularmente a aviação, impõe não sejam dispostas no terreno senão formações extremamente diluídas. É precisamente, o inverso que se verifica atualmente. O vazio do campo de batalha, cada vez mais indispensável, é, também, cada vez mais difícil de ser realizado, sobretudo na retaguarda.

Visto sob o ângulo de rendimento, o balanço atual é pois inteiramente negativo. Não é mais a noção de *massa* que deve dominar, mas a de *velocidade*: rapidez nos deslocamentos, nas paradas, nas concentrações, na manobra, em síntese. Sobre isso, é aflitivo constatar que, enquanto os exércitos, à base de infantaria, se deslocam a 4 km por hora, cobrindo etapas médias da ordem de 25 km diários, os exércitos atuais, à base de veículos automóveis, cuja velocidade pode atingir 40 km e mesmo mais, têm uma capacidade média de deslocamento que não excede de 80 km por dia. Com efeito, não se pode ter velocidade sem ligeireza e sobretudo sem "fluidez", noção que encontraremos mais adiante.

b) Noção de eficiência — Em consequência do desenvolvimento da Técnica, a noção de eficiência tende cada vez mais a se opor à noção de massa.

Quase sempre, são algumas armas bem colocadas, servidas por um pessoal de valor, que decidem da sorte de um combate.

Em torno de uma arma moderna, capaz de semear a morte num raio de várias centenas de metros, é desnecessário colocar homens passivos e inúteis. Doutro modo, é em vão, ainda, atacar esta arma com uma massa de indivíduos com inferioridade de armamento, sob pretexto de adquirir, pelo menos, a superioridade do fogo. Só permanece válida a manobra, ameaçada por elementos tão velozes quanto possível.

Assim aparece, novamente, essa noção de "fluidez", que já invocamos atrás.

Quanto maior a potência do armamento, menor deve ser o número do pessoal que o maneje. Um só avião, conduzindo uma bomba atómica, é muito mais eficaz que várias dezenas de aviões carregados de explosivos normais. Levando-se essa razão ao extremo, pode-se asseverar que, num conflito futuro, um dos meios mais eficazes poderia ser o combatente isolado, mais ou menos clandestino, conduzindo, aos pontos vitais do inimigo, um engenho de destruição maciça. Só o seu próprio isolamento lhe garantiria uma segurança quase total. Sem dúvida, não é isso senão força de imaginação; mas, talvez, seja, também, uma realidade, amanhã.

Todavia, poder-se-ia argumentar que não há rendimento sem coordenação de esforços, e que essa coordenação exige comando incompatível com uma tão grande dispersão. Essa crítica é igualmente inexata: o desenvolvimento dos meios de transmissão, no decorrer da última guerra, revolucionou o exercício de comando: é nesse terreno que a solução deve ser encontrada.

De outro lado, importa que a instrução, em todos os escalões seja conduzida no sentido da iniciativa, fator importante de rapidez na concepção e execução da manobra. O comando de uma unidade, qualquer que seja ela, o próprio homem de fileira, deve ser treinado a agir sem ser, constantemente, "conduzido pela mão" pelo escalão superior.

No exército francês, esse resultado pode ser facilmente obtido.

Pode-se objetar que os elementos muitos fluidos são incapazes de deter o inimigo, e se arriscam a ser rapidamente "submersos".

Esta consideração tem a sua importância, sobretudo no caso da França, que tem um interesse capital de impedir o franqueamento de suas fronteiras pelo inimigo.

Ela é, no entanto, errônea. Só um dispositivo rígido, estático, pode ser submerso. O mesmo não acontece com um dispositivo fluido e rápido, apoiado por um sistema de defesa territorial, do qual, como veremos adiante, participa a nação inteira.

Assim, sob o ponto de vista de eficiência ou de rendimento, a noção dos efetivos deve ser objeto de um novo exame. Acumular homens de nada serve, senão para aumentar as "despesas gerais" e multiplicar as perdas. Uma repartição mais judiciosa do pessoal, em função do armamento a servir e dos efeitos a tirar desse armamento, deve conduzir, sem dúvida alguma, a uma diminuição sensível do efetivo das forças verdadeiramente combatentes.

II — A Nação armaia — Devez-se, do que foi dito, que só uma fraca parte da população deve assegurar a defesa do país? Evidentemente, não; e, especialmente, no caso da França. Seria expô-la a uma invasão em massa que tentaria irromper sobre as suas defesas e submergir rapidamente a maior parte dos seus centros vitais. Foi assim que os Russos procederam com os Alemães, em 1944/1945.

Em presença de um tal perigo, é a população inteira que deve assegurar a defesa. Cada cidade, cada vila, cada ponto importante deve ser preparado para se tornar um centro de resistência defendido pela população local, que, prosseguindo nos seus trabalhos habituais, será organizada e instruída para poder imediatamente participar da luta. Através desses pontos fortes, escalonados em toda a profundidade do país, o avanço

adverso se diluirá e se perderá como a água na areia. A decisão pertencerá, então, aos elementos legeiros, mais potentes e móveis, que contra-atacarão um inimigo assim entregue a si próprio.

Esses últimos elementos não serão outros senão uma parte das praças de campanha propriamente ditas, mais especialmente encarregadas, por sua vez, da defesa das fronteiras ou à frente delas.

Em suma, o país deve ser provido de uma lança e de um escudo. Isso é, essencialmente, questão de organização e de articulação. Trata-se, assim, da Nação armada, na sua forma mais completa e a mais total.

Para que tenham todo o seu valor, lança e escudo deverão ser organizados em função das considerações já desenvolvidas atrás.

E na lança, em particular, que deverão se achar todas as características de fluidez, de capacidade de "manobra" que lhe permitirão cumprir sua tarefa, e notadamente de realizar rapidamente, no momento e no ponto desejado, as concentrações de meios necessários para surpreender e dominar o adversário.

Isso não será possível senão se os seus elementos constitutivos forem concebidos para um tal papel e a ele adaptados. Resulta disso, expormos a questão do "princípio divisionário", e examinar em que medida é ele ainda aplicável.

III — Manobra e princípio divisionário — Nascido da necessidade de "descentralizar", em consequência dos progressos do armamento, o princípio divisionário permanece inteiramente válido. Porém, no decorrer dos anos, tem sido ele totalmente falseado na sua aplicação.

A divisão, com efeito, não tem senão se acrescido com o tempo. É progressivamente aumentada de todos os novos elementos que a técnica traz. Daí resultar um peso contínuo, condenável sob o triplice aspecto:

— de um lado, não lhe dá a eficiência: em qualquer que seja

A hipótese, a divisão atual não pode conduzir uma ação sem reforços apropriados, notadamente em artilharia e carros;

— doutro lado, elle lhe tira toda a capacidade de manobra: em função de sua massa, é a divisão um ser impotente, inapto às ações e reações rápidas exigidas pelo combate moderno;

— enfim, a divisão tem um rendimento irrisório, conforme vimos atrás, o número dos verdadeiros combatentes não excedendo de 15%.

A prioridade que toma, em nossos dias, as noções de rendimento e de eficiência, em relação à noção de massa, deve tender para a revisão da própria estrutura da divisão, de modo a torná-la capacitada para manobrar, que é a sua verdadeira razão de ser.

Essa capacidade de manobra, com efeito, é mais do que nunca indispensável. É difícil conceber-se, particularmente no inicio de uma guerra, uma frente contínua barrando a Península Europa, do Báltico ao Mediterrâneo; e, isso, não só devido ao poder destruidor dos exércitos, mas, também, pelas limitações exigidas pelos órgãos de retaguarda, cujo número, cada vez maior, é uma imposição do próprio volume das divisões. As brechas e os pontos fracos não poderão ser evitados. Para explorá-los, como para os defender, a manobra retornará uma importância capital, seja na ofensiva, seja na defensiva, onde só a manobra permite se opor à manobra.

Sómente unidades, aliando a potência à mobilidade e à rapidez, disporão da capacidade de manobra necessária. Sómente elas permitirão, ao comando, realizar, com a rapidez desejada, as concentrações necessárias, ou de salvaguardar a sua liberdade de ação, esquivando-se à pressão de um inimigo superior. É nesse sentido que a divisão deve ser objeto de profundas reformas de estrutura, tanto na sua composição, como na sua articulação.

Comparada à divisão atual, a divisão do futuro será caracterizada:

— para volume igual, uma capacidade manobreira consideravelmente acrescida;

— para igual capacidade de manobra, um volume nitidamente reduzido.

IV — O homem e o material — Quanto mais aumenta a potência do armamento, já dissemos, menos numeroso deve ser o pessoal que o serve. Essa idéia merece alguns desenvolvimentos.

Parece-nos bem que os constantes progressos, no domínio do material, não tenham tido, sobre a utilização do "homem", as repercussões profundas que correspondam à sua importância.

Do mesmo modo que os aperfeiçoamentos da máquina impõem, para determinada produção, uma diminuição da mão-de-obra necessária, todo o progresso nos armamentos deveria conduzir a uma redução sensível dos efetivos combatentes. Ora, é precisamente o inverso que se verifica, e o volume das unidades não pára de aumentar.

No que diz respeito ao próprio serviço das armas, seria vão recordar a necessidade de não oferecer ao inimigo senão objetivos tão diluídos quanto possíveis, ou o fato de que um carro, por mais potente que seja está a mercê de uma arma anticarro individual bem colocada e bem servida.

Seria, igualmente, em vão esclarecer que, a todo aperfeiçoamento do material, corresponde um acréscimo de pessoal encarregado de abastecê-lo e de o manter.

É nesse domínio, no entanto, que importa nosso sentido de rever os carros atuais.

De um lado, com efeito, a utilização dos diversos materiais necessários à batalha, de outro, o abastecimento e a manutenção desses materiais constituem problemas distintos. Esses problemas não são, nas grandes unidades atuais, suficientemente diferenciados, isso resulta numa multi-

plicação de meios que as tornam pesadas e desperdiça esforços.

A utilização do material é coisa relativamente simples.

Uma criança sabe, por instinto, utilizar um brinquedo que recebe de presente, por mais complicado seja ele; é questão de horas ou dias para penetrar nos seus segredos.

Guardadas as devidas proporções, essa mesma faculdade existe no homem jovem, e sua explicação racional deve permitir uma simplificação importante da instrução militar propriamente dita.

Essa última, ao contrário, deverá se interessar mais útilmente em dar as noções táticas indispensáveis, em desenvolver a iniciativa e em ensinar o trabalho em equipe.

Um tal programa é suficiente para aqueles que se pode chamar de "combatentes da frente", que devem, na medida do possível, ser eliminados de toda a preocupação que não o combate propriamente dito.

Quanto às questões de reabastecimento e manutenção, podem, sem nenhuma dúvida, ser objeto de economias substanciais, encaminhando-se resolutamente para a concentração dos meios em escalões apropriados, assim como pela utilização mais completa, à medida que se organize nas retaguardas, de uma infraestrutura nacional convenientemente dirigida, o que, para o exército francês, não é difícil alcançar.

Está-se, assim, em condições de distinguir:

- de um lado, os elementos combatentes propriamente ditos, com os "sustentáculos" imediatos, sem os quais não podem passar;

- de outro, os elementos de reabastecimento e de manutenção.

Numerosos problemas e, em particular, o da cobertura, tomam, assim, novos aspectos.

Constitui o de primeira categoria, com efeito, uma "faca de dois gumes", porém, que não é senão uma parte; deve ele estar constantemente com efetivo de guerra, dado o seu volume limitado. Com esses elementos de

base, a divisão atual diminui consideravelmente de volume e, com um dado efetivo, pode-se ter permanentemente um número muito maior de grandes unidades.

Quanto ao de segunda categoria, de interesse menos imediato para a batalha, e já reduzido por uma concentração de meios bem compreendida, pode, sem inconveniente, comportar uma proporção de pessoal das reservas, chamado em condições aceitáveis.

Não se trata, é óbvio, de criar, no seio do exército, categorias privilegiadas.

Agora o caso de especialização profissional de importância, que impõe uma seleção determinada, os demais são os mesmos homens, os quais, em sua mocidade, fizeram parte dos "elementos combatentes", e que passarão para as "taguardas", à medida que forem avançando em idade; todos completando, no decorrer de seus períodos, a instrução essencialmente de "combate" que houverem recebido no decurso de seu serviço ativo.

V — *Influência da arma aérea* — Nenhuma nação, nenhuma coligação poderá vangloriar-se, em caso de conflito, de adquirir uma superioridade aérea tal que a aviação adversária seja totalmente varrida do céu. Por muito tempo ainda, a "superioridade aérea" será coisa local e temporária. De outro lado não obstante todos os aperfeiçoamentos atingidos pelo armamento antiaéreo, não é praticamente possível opor-se à aviação inimiga um "muro" intransponível.

O perigo aéreo, com efeito, não faz senão aumentar.

Para os exércitos, a multiplicação das armas de defesa e a sua articulação judiciosa, o disfarce, a utilização das cobertas e da noite tomam uma importância capital.

Mas isso não é senão paliativo. A única defesa eficaz reside na dispersão, único meio de realizar, em toda a extensão desejada, esse "vazio do campo de batalha" tão necessário, não obstante a potência do armamento terrestre.

Mas essa dispersão não deve ser realizada em detrimento da potência de coesão do conjunto. Ela não pode ser procurada senão num alívioamento da estrutura das unidades e numa articulação mais rápida dos seus elementos constitutivos.

Recairemos, assim, novamente, sob a forma do imperativo categórico, na necessidade de conceber unidades que, possuidoras da potência e da mobilidade precisas para responder às necessidades da manobra, tenham também uma ligeireza e uma velocidade suficientes.

Todas essas qualidades, a divisão atual não possui, em nenhum grau.

VI — O comando — Muito se têm escrito, após Clausewitz, sobre o peso dos estados-maiores e a complexidade da cadeia de comando. O último estudo notável à respeito foi publicado pelo capitão Lidell Hart, na "Army Quarterly", de julho de 1950. Como todos os artigos desse autor, salienta numerosos problemas, que nos "deixam a pensar".

É tóra de dúvida que os numerosos estados-maiores que se superpõem no interior do exército representam "despesas gerais consideráveis", as quais devem ser eliminadas.

Isso parece ir de encontro às idéias precedentemente desenvolvidas aqui, que conduzem ao alívioamento das divisões, portanto ao acréscimo de seu número. Mas essa oposição é muito mais aparente que real; é, na maior parte, uma simples questão de terminologia.

O que procuramos com efeito, é uma "célula tática de base" que reuna as qualidades de potência, de mobilidade, de ligeireza e rapidez reconhecidas indispensáveis e no interior da qual se efetive a "combinação" das armas de base. Pouco importa o nome que será dado a essa célula.

O comandante dessa célula tática não terá problema novo; unicamente consagrado ao com-

bate, necessitará muito menos de meios que os da atual divisão.

O escalão superior será concebido e organizado para manobrar um certo número de células-base. O número dessas células não é necessário seja fixado a priori; será, como a sua organização, essencialmente consequente da missão a desempenhar. Lidell Hart tem razão quando estima que um chefe pode facilmente acionar quatro ou cinco células subordinadas, e com vantagem, mesmo, se as circunstâncias o exigirem.

Com a condição de que cada célula conserve a liberdade de ação correspondente às suas possibilidades, tal concentração não poderá ter senão vantagens, e, dado o aperfeiçoamento dos meios de transmissões, não haverá nenhuma dificuldade em realizá-la.

Uma tal concentração é possível, nos diversos escalões da hierarquia, de modo a diminuir o número de intermediários que separam o comando em chefe dos executantes da frente.

Um ponto delicado é necessário precisar: é o de situar, na hierarquia, o ponto de soldadura entre os elementos combatentes e os elementos de reabastecimento e manutenção. Isso demanda um exame aprofundado, que sairia do quadro exposto. Convém lembrar, todavia, que este exame deve ser efetuado em função da idéia base, precedentemente emitida, isto é, as formações e estados-maiores da frente devem ser inteiramente livres de toda a preocupação que não seja o próprio combate.

Notemos, afinal, para terminar, a necessidade de colocar os quadros, em todos os escalões, no seu lugar na hierarquia. Por uma evolução progressiva, onde não é fácil de discernir as coisas, é corrente ver um escalão da hierarquia efetuar aquilo que pertence, apenas, ao escalão subordinado. Essa inversão de valores traz graves consequências; sobretudo, falseia inteiramente o sentimento da iniciativa e das responsabilidades. Há um grande perigo, contra o qual importa reagir.

2^a PARTE

ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS

As considerações atrás expostas demonstram que o exército de terra moderno deve, a todo o preço, libertar-se da carga que o paraliza e lhe tira toda a eficiência combativa.

Não está no nosso propósito tirar conclusões definitivas, nem de construir, *ex-cathedra*, o esquema de um exército novo. Isso é tarefa de especialistas, sabendo libertar-se de todas as idéias preconcebidas e submetendo as suas concepções a uma esclarecida experiência.

Alguns dados essenciais, entretanto, parece ser necessário pôr à luz; eles não terão outro objetivo senão de precisar uma ordem de grandeza e não constituem, por si mesmo, senão um esboço sumário do conjunto do problema.

I — *A célula elementar* — Quer se trate de uma arma automática de infantaria, de uma arma antiearro, de um carro ou de uma peça de artilharia, a célula elementar deve ser limitada ao número estritamente indispensável para assegurar o serviço dessa arma, com exclusão de todo o elemento inútil, causa de peso e de perdas.

Os meios necessários para "durar" não devem ser procurados pelo engorgitamento da célula, mas pela própria multiplicação das células.

A célula não deve ser sobrecarregada de munição; o reabastecimento em munições deve ser assegurado pela retaguarda, que não deve ter outra preocupação senão o de levar à frente tudo o que essa última necessite.

Nessas bases, pode-se dizer que a célula da infantaria propriamente dita, o grupo de combate, não deveria ter um efetivo superior a 5 homens, com o comandante do grupo. Esse número é suficiente para assegurar o serviço de uma arma automática leve e de uma arma antiearro individual; raramente foi excedido esse efetivo em combate, durante

as operações de 1943/1945, época, no entanto, em que a infantaria francesa demonstrou uma eficiência sem par.

II — *A combinação das células elementares*. — No escalão Pelotão, como no escalão Batalhão, para ficarmos apenas na infantaria, a combinação das células elementares deve obedecer aos cuidados maiores de liberar o combatente da frente de toda as preocupações ou servidões que não sejam as do combate.

É prudente asseverar não ser sempre oportuno reduzir o efetivo dessas formações nas mesmas proporções que as do grupo de combate.

Um comandante de Pelotão, com efeito, pode facilmente comandar 4 ou 5 grupos situados perto. Terá, às vezes, as suas possibilidades de ação fortemente acrescidas e poderá, em particular, dispor de uma arma leve de tiro curvo para completar os efeitos de suas armas de tiro tenso.

Por isso, o efetivo ótimo do Pelotão deverá situar-se entre 25 e 30 homens.

No mesmo modo, a companhia poderia útilmente compreender 4 ou 5 Pelotões, com um peso que daria um efetivo de 120 a 150 homens.

Finalmente, o Batalhão é a unidade essencialmente encarregada de conduzir o combate; por isso, deve ser orgânicamente provido dos elementos necessários para lhe assegurar uma capacidade de ação suficiente.

Pode-se concluir que a organização a 5 companhias lhe daria um peso que seria o mais apropriado: o seu efetivo global seria, assim, da ordem de 600 a 700 homens.

Quanto ao escalão Regimento, cuja utilidade é incontestável, em tempo de paz, para as necessidades da instrução e da mobilização, o problema se coloca em saber se sua permanência, nas formações de tempo de guerra, é desejável. Ele está ligado ao problema da célula tática de base.

III — A célula tática de base — É na composição desta célula que reside o problema essencial da estrutura moderna do exército.

Como já mencionamos anteriormente, importa, antes de abordar este problema, fazer abstração da terminologia corrente.

Que a célula de base chamada mais tarde divisão, brigada, ou qualquer outro termo julgado mais adequado, pouco importa.

O essencial é partir de uma definição que poderá ser a seguinte:

— A célula tática de base é o complexo no interior do qual se efetua a combinação necessária entre a Infantaria, a Artilharia e o carro; é, de outra parte, o "píão" posto nas mãos do comando para realizar a manobra.

E sobretudo nela que se devem encontrar as qualidades de potência, mobilidade, rapidez e ligeireza que vimos, de importância vital. E ela que, ao primeiro comando, deve estar livre de toda a preocupação que não a do próprio combate.

É evidente que se não pode imaginar ter um só tipo de célula de base, apta a responder a todas as necessidades.

Esse tempo ainda não chegou.

No estado atual das coisas, dois tipos principais de célula parecem indispensáveis: um, à base de infantaria; outro à base de blindados.

1) A célula "infantaria" — Uma tal célula seria destinada a fazer face às missões de caráter mais estático que dinâmico. Seus elementos constitutivos poderiam ser:

- 4 ou 5 batalhões de infantaria;
- 1 regimento de carros (apoio da infantaria e anticarros);
- 1 grupo de artilharia a 4 ou 5 baterias de 6 peças;
- 1 bateria antiaérea de 16 peças;
- 1 batalhão de engenharia;
- os elementos de comando e de transmissões correspondentes;

— 1 unidade de transporte, na qual uma parte seria especialmente concebida para efetuar, até o extremo da frente, os reabastecimentos e evacuações.

O efetivo global seria da ordem de 7.000 a 8.000 homens.

2) A célula blindada — Essa célula seria destinada a cumprir as missões de caráter mais dinâmico que estático. Poderia compreender:

- 2 ou 3 regimentos de carros, a 4 ou 5 esquadrões de 18 carros cada uma;
- 2 ou 3 batalhões de infantaria;
- 1 grupo de artilharia;
- engenharia, transmissões, etc., análogos aos da célula infantaria.

O efetivo de uma tal célula se situaria entre 6.000 e 8.000 homens.

IV — A combinação das células táticas de base — Esse problema já foi invocado atrás, no capítulo sobre o comando.

Um só órgão de comando pode acionar, sem dificuldade maior, 4 ou 5 células de base, acima citadas. A possibilidade de modificar, em função de sua missão, a natureza das células colocadas sob suas ordens, daria ao conjunto o máximo de rapidez.

É nesse escalão, além do mais, onde se encontrará, naturalmente nos seus lugares, os elementos de "apoio" encarregados de fazer viver as células de base, bem como certas unidades da reserva geral, artilharia e carros em particular, destinados aos reforços eventuais.

No escalaõ superior, finalmente, ficaria colocado um órgão de coordenação, desempenhando o papel de exército atual, com um campo de ação muito maior.

V — Conclusões — Este rápido esboço pode ser resumido em algumas palavras:

- as formações atuais são muito pesadas, impotentes, inefficientes;

— para cumprir a sua missão, é preciso aligeirar a sua composição, modernizar a sua articulação.

Amarradas às fórmulas desusadas, então anacrónicas para as exigências do combate moderno. Para que a divisão retome o seu valor combativo e responda às necessidades do comando, deve transformar-se e tomar a forma que atrás tentamos esboçar, nas suas linhas gerais, na célula tática de base.

É óbvio, dizer-se que esta transformação necessária não seria possível processar-se de hoje para amanhã. É por uma evolução dossada mas, entretanto, rápida; por um melhoramento progressivo le-

vado, de início, nas unidades de cobertura e tendente a realizar o essencial e deixando provisoriamente de lado o supérfluo que o movimento pode ser iniciado.

Que os especialistas destas questões se esforcem o necessário para sair das sombras do passado. Que façam obra criadora, que se orientem para soluções novas.

É a França, a par com a sua forte cultura militar, a tomar a iniciativa nesse domínio, a mostrar o caminho. Não é senão uma questão de vontade, porém, só a esse preço é que a segurança da Europa, partindo da França, poderá ser verdadeiramente assegurada.

